

(DES)CONSTRUIR E OCUPAR: O REUSO COMO PRÁTICA SOCIAL E PROPOSITIVA

Afonso Celso Vanoni de Castro

Mackenzie Presbyterian University/afonso.castro@mackenzie.br/ Brasil

Celso Aparecido Sampaio

Mackenzie Presbyterian University celso.sampaio@mackenzie.br/ Brasil

Antônio Fabiano Júnior

Mackenzie Presbyterian University/antonio.fabiano@mackenzie.br/ Brasil

RESUMO

A Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – estimula, apoia e integra pesquisas e ensino em seus programas de extensão, para difundir a produção acadêmica, transformando estudos em soluções concretas e aplicáveis, que enfrentem desigualdades sociais e promovam o desenvolvimento sustentável da sociedade. A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU – responde pela formação arquitetos urbanistas comprometidos com o futuro de nosso país, dos países vizinhos e do nosso planeta, destacando-se pela inovação do Conhecimento, especialmente na modalidade de pesquisas aplicadas. Com esse propósito realizou, no primeiro semestre de 2022, uma disciplina como Tópico Especial, para estudantes da graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, intitulada “(des) construir e ocupar: o reuso como prática social e propositiva”. A disciplina realizou experimentos com materiais descartados, em especial de demolições, que pudessem ser reutilizados ou reciclados para aplicações na construção de edificações, mobiliários urbanos ou materiais de acabamento em obras. Adotou como metodologia a coleta de materiais, num raio em torno da ocupação para fins de moradia chamada “Ocupação 9 de julho”, coordenada pelo Movimento Sem Teto do Centro – MSTC, que adota a autoconstrução, prática recorrente em outras cidades do Sul Global. A ocupação será beneficiada pelas experimentações desenvolvidas, com a elaboração de projeto arquitetônico e assistência técnica a construção de uma edificação de múltiplo uso, empregando os resultados obtidos pelos estudantes no Canteiro Experimental da UPM, adotando os conceitos de economia

circular e de reuso de materiais descartados. Por meio do “Acordo CIAM” essas práticas podem ser aplicadas em outros países do Mercosul.

Palavras-chave:

Arquitetura; reuso de materiais, sustentabilidade, replicabilidade, meio ambiente

ABSTRACT

The Mackenzie Presbyterian University - UPM encourages, supports, and integrates research and teaching in the outreach programs to disseminate academic production, turning studies into tangible and applicable solutions that face social inequalities and promote the sustainable development of society. The School of Architecture and Urbanism - FAU is accountable for the education of architects and urbanists committed to the future of our country, the neighboring countries and our planet. It stands out for knowledge innovation, especially within the applied research mode. With this in mind, in the first semester of 2022, the university offered undergraduate and graduate students a Special Topic course titled (De)Construct and Occupy: Reuse as a Social and Propositive Practice. It carried out experiments with discarded materials, especially from demolition sites, which could be reused or recycled to be used again in construction works, urban furniture or finishing material. As a methodology, the course adopted to collect material within a distance of a circle around the “Ocupação 9 de julho,” an occupation for housing purposes coordinated by the Movimento Sem Teto do Centro – MSTC (Downtown Homeless Movement). The Movement works with self-construction, a common practice in other cities in the Global South. The occupation will benefit from the experiments carried out, with the architectonic design and technical assistance for a multiple-use construction, by using the results obtained by students in the Canteiro Experimental-UPM (UPM Experimental Building Site) and adopting the concepts of a circular economy and reuse of discarded materials. Thanks to the “CIAM Agreement”, these practices can be applied in other Mercosur countries.

Keywords:

Architecture, reuse of materials, sustainability, replicability, environment

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado associa, de um lado o compromisso da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – de buscar, por meio do ensino e das pesquisas, soluções

concretas e aplicáveis que enfrentem as desigualdades sociais e promovam o desenvolvimento sustentável da sociedade e, por outro a responsabilidade da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU – de formar arquitetos urbanistas comprometidos com a realidade e o futuro de nosso país, dos países vizinhos e do nosso planeta.

O Projeto Pedagógico da FAU, incorporou disciplinas optativas, no campo experimental, dentre elas, a disciplina “Prática de Canteiro: Experimentações”, que oferece aos estudantes da graduação, a oportunidade da vivência direta em canteiro de obras com a execução de atividades técnicas, exploradas como prática pedagógica, que utilizam materiais básicos da construção civil. Essas experimentações geram, muitas vezes, resíduos por avaria, conclusão do exercício ou mesmo pela produção em excesso de materiais.

Promover a resignificação de descartes, pelo reuso, para promover seu reaproveitamento, foi uma prática adotada no Canteiro Experimental, transformando resíduos em insumos para novas possibilidades de uso e de experimentação. Ao longo dos últimos semestres foram produzidos tijolos de resíduos destinados a entidades filantrópicas usados para construção de muros, pisos e contenção de canteiros. Essa prática inspirou o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas, com o alargamento da discussão sobre extrativismo, exploração e expropriação e a prática do reaproveitamento no canteiro, visando diminuir o desperdício e o descarte de materiais.

Com esse propósito realizou-se, no primeiro semestre de 2022, uma disciplina na forma de Tópico Especial na FAU Mackenzie, voltado a alunos da graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, sob a responsabilidade dos professores Afonso Celso Vanoni de Castro, Antonio Fabiano Junior e Celso Aparecido Sampaio em parceria com as arquitetas Julia Ferreira Peres e Victoria Reis Souza e Braga, egressas do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Intitulado “(des)construir e ocupar: o reuso como prática social e propositiva” a disciplina teve como objetivos gerais (i) apresentar aos estudantes as dimensões e as potencialidades da sustentabilidade socioambiental inerentes à prática da Arquitetura e Urbanismo; (ii) construir experiência pedagógica que extrapola as práticas em atividades além das salas de aula, ancorada no tripé ensino, pesquisa e extensão, considerado central das matrizes de pensamento e proposição participativa e ativa da formação universitária e (iii) experimentar novas proposições projetuais como construção de alternativas no confronto com a realidade de mundo atual e como objetivos específicos (i) oferecer uma disciplina aplicada que possibilite aos estudantes experimentações com o reuso de materiais de obra no Canteiro Experimental; (ii) articular essa prática com uma demanda

real de equipamento social para o movimento de moradia “Ocupação 9 de julho” no centro da cidade de São Paulo; (iii) compreender como a prática do Projeto de Arquitetura representa uma dimensão de atuação social inovadora para estudantes de Arquitetura e Urbanismo e (iv) promover uma aproximação dos estudantes de demandas dos movimentos sociais pouco exploradas pelos cursos de Arquitetura e Urbanismo.

A disciplina consistiu na realização de experimentos com materiais descartados, em especial de demolições, que pudessem ser reutilizados ou reciclados para aplicações na construção de edificações, mobiliários urbanos ou materiais de acabamento em obras. Adotou como metodologia a investigação em campo e o registro em cartografias de materiais descartados, num raio em torno da ocupação para fins de moradia chamada “Ocupação 9 de julho”, coordenada pelo Movimento Sem Teto do Centro – MSTC, em São Paulo, SP.

2. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Partindo do pressuposto que o modelo econômico linear de produção-consumo-descarte está atingindo seu limite, a disciplina adota como conceito o modelo de produção circular como um caminho para a redução dos impactos ambientais e uma hipótese de superação e alinhamento com metas sustentáveis mais adequadas para o futuro da sociedade humana no planeta. Assim, ao associar crescimento econômico e desenvolvimento social com a preservação do capital natural, pode-se promover a otimização do uso dos recursos naturais, a redução de riscos sistêmicos por meio de uma gestão responsável que implique outras ordens, que não a extração pelo lucro, de recursos não renováveis.

A cadeia produtiva da construção civil é uma das que mais recursos naturais e trabalho humano e não-humano consome e, a Arquitetura já não pode mais pactuar com a exploração e esgotamento desses recursos. Ademais, do ponto de vista da prática construtiva dessa cadeia, uma questão a ser assimilada, é reconhecer a autoconstrução como uma realidade presente, especialmente nas áreas urbanas dos países periféricos, a exemplo das cidades sul-americanas. O que remete a uma questão: ¿como incorporar no campo da Arquitetura e Urbanismo uma metodologia para autonomia e para uma gestão sustentável dos recursos utilizados nos processos produtivos, que conduza também à uma prática de emancipação e empoderamento social?

Por outro lado, considerando que a prática da Arquitetura, por meio da elaboração de

projetos de edificações e objetos, situa-se no topo da cadeia produtiva da construção civil, é de se supor que o reconhecimento e as reflexões críticas por parte de arquitetos e arquitetas, possam contribuir para a revisão dos paradigmas dos processos construtivos que utilizam os produtos das indústrias que compõem essa cadeia.

O Tópico Especial teve como objetivo principal, estimular novas pesquisas acadêmicas no âmbito da prática construtiva, no aproveitamento de materiais de descarte como forma de interferir na cadeia produtiva da construção civil buscando uma nova perspectiva para a produção da Arquitetura na contemporaneidade, utilizando experimentos de elementos construtivos a partir do reuso de materiais de descarte de obras.

“(Des)construir e ocupar” tem, como objetivo específico, pesquisar formas de apropriação e reutilização de materiais no contexto urbano e buscar, como objetivo geral, pensar e repensar o lugar das práticas do projeto e da atuação profissional, como instrumento de direito à vida, feitas a partir da atividade indissociável de pesquisa, ensino e extensão. Sua questão fundamental é investigar de que maneira o exercício projetual pode se apresentar como ferramenta na luta pelo alargamento democrático da condição urbana contemporânea. Nesse aspecto parte-se da compreensão do campo da Arquitetura “simultaneamente como ação cultural, ação política e como ação produtiva” (MARTINS in KOURY, 2003 p. 19).

O desenvolvimento da pesquisa surgiu a partir de uma demanda real proveniente do movimento social por moradia nos centros urbanos, MSTC, que demandou a construção de um espaço multifuncional em uma área livre da Ocupação 9 de Julho, localizada na avenida de mesmo nome no bairro da Bela Vista, em São Paulo, onde vivem 124 famílias. Trata-se de um caso emblemático de disputa por moradia, coordenado pelo MSTC, como forma de garantir a função social de imóveis (neste caso o antigo prédio público do Instituto Nacional de Seguro Social -INSS) para abrigar pessoas que habitam em condições precárias em imóveis abandonados.

A disciplina se estrutura em três módulos. O primeiro módulo adotou como metodologia de investigação e prática, divididas em quatro atividades: (i) construção de cartografias de reconhecimento de materiais de descarte num raio de 1 km da Ocupação; definição dos volumes dos materiais encontrados; contato das fontes e início de estabelecimento de relações de fornecimento; (ii) catalogação e pesquisa de possibilidades de uso dos materiais disponibilizados; (iii) desenvolvimento em canteiro de experimentos de uso desses materiais e (iv) a construção de uma cartilha com especificações dos testes, quantidades e procedimentos para produção dos

componentes construtivos. Estas cartilhas resultaram em materiais de divulgação – impressos e digitais – do conhecimento coletivo construído.

O segundo módulo, a ser desenvolvido no semestre subsequente, consta do desenvolvimento do projeto da edificação multifuncional e, o terceiro módulo, em sequência, pretende viabilizar a construção efetiva desse espaço.

O primeiro módulo foi organizado em 6 aulas presenciais, cujos conteúdos procuraram ressaltar o valor pedagógico da experimentação no canteiro; apresentar as discussões do campo ampliado da Arquitetura associados a demandas reais e aos movimentos de moradia (aula 1). Sucederam-se a aplicação da metodologia de investigação em campo, por meio das Cartografias de Análise de materiais disponíveis na região e sua catalogação e seleção (aulas 2 e 3). A aula 4, promoveu o compartilhamento de ideias e o início do desenvolvimento de protótipos de elementos construtivos a partir de materiais selecionados. E, por fim, nas aulas 5 e 6, desenvolveram-se os Protótipos dos Elementos Construtivos e a elaboração de Manual de Procedimentos.

O objetivo da prática pedagógica foi conscientizar e instigar os estudantes a reconhecerem como as práticas hegemônicas da cadeia produtiva da construção civil - uma das maiores consumidoras de recursos naturais e geradora de resíduos e descartes - são estruturadas, em sua grande maioria, em processos lineares de produção. Dessa forma, não incorporam conceitos de economia circular, ciclo de vida dos produtos, descartes controlados e logística reversa, fundamentais para redução dos impactos ambientais gerados por seus processos produtivos.

Partindo dessas premissas, a disciplina propôs-se a “superar a noção da escola como locus de reprodução de práticas e projetos consolidados e socialmente hegemônicos e pensá-la como espaço privilegiado de experimentação e reflexão” (MARTINS in KOURY, 2003, p.19), avançando além das metodologias de ensino usuais da Arquitetura centradas em aulas expositivas, leituras críticas e estudos de caso, adotando uma prática educativa e aplicada desenvolvida no Canteiro Experimental da FAU Mackenzie. Como condução metodológica, estruturou-se em reconhecer e estimular investigações e práticas alternativas para a construção civil, que adotem os conceitos de reuso de materiais de demolições e elaborem produtos ou outras práticas construtivas a serem utilizadas em sistema de autoconstrução, como nas ocupações de moradia, reconhecida como prática corrente nas cidades sul-americanas.

Segundo dados da pesquisa elaborada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU BR) em parceria com o DataFolha, iniciada em 2015 e atualizada no ano de 2022, 50% dos

entrevistados já construiu ou reformou imóveis residenciais ou comerciais, contra 54% em 2015 (CAU 2022). Desse total, apenas 9% em 2022 e 7% em 2015 contrataram um(a) profissional arquiteto(a) urbanista; 16% em 2022 contra 14% em 2015 adotaram a autoconstrução e, 78% em 2022 e 75% em 2015 contrataram um mestre de obras ou pedreiro.

Considerando essa amostragem, estima-se, hoje, que 89% da população não tem acesso a um profissional de arquitetura, ainda que apresente um crescimento comparado com a pesquisa anterior. Observa-se também que os índices da modalidade autoconstrução cresceram no país. As justificativas apontadas para que não sejam contratados profissionais arquitetos urbanistas são a ideia que os serviços desses profissionais sejam caros (49%) ou que “não exista a necessidade” dessas contratações (48%) (idem, 2022).

Por outro lado, os dados do crescimento da modalidade autoconstrução levantados pela pesquisa, aponta uma área de atuação a ser explorada e ampliada para profissionais arquitetos urbanistas, ainda mais considerando que há, no Brasil, políticas públicas que dão suporte a essa prática profissional, como a Lei 11.888/2008 que institui a Assistência Técnica e regulamenta o acesso gratuito de todas as famílias com renda de até 3 salários mínimos aos serviços profissionais de arquitetura para a construção, reforma e ampliação de suas residências e obras comunitárias.

Na América Latina, onde morar com qualidade e dignidade ainda é um privilégio, a prática da autoconstrução é recorrente. Trata-se de pauta que congrega arquitetos e representantes de movimentos populares de luta por moradia no desenvolvimento de práticas locais e alternativas para os problemas de habitação. Essas experiências práticas e políticas podem ser compartilhadas pelos países que compõem o Mercosul, pois existe um acordo - “Acordo CIAM - que reconhece de forma recíproca, um registro para o exercício profissional, permitindo que arquitetos e urbanistas, possam atuar temporariamente nos demais países da organização, a partir de um convênio entre as instituições nacionais de fiscalização.

Ademais, se percebe também um campo para se promover o reaproveitamento de materiais de construção, por meio do reuso e associado ao apoio da assistência técnica dos profissionais arquitetos urbanistas, tanto na gestão dos processos produtivos como, dos processos construtivos. Trata-se adotar como prática “construir com o que se tem”.

Ainda, na escala da cadeia produtiva, pretende-se reconsiderar a lógica linear em que se insere a produção arquitetônica, tal como aprendida e praticada até aqui, incorporando outros paradigmas e conceitos que estejam mais alinhados com as questões da sustentabilidade

socioambiental, proposta até mesmo pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. Assim como no Brasil, grande parte do Sul Global, vive uma realidade em que o reaproveitamento, mais que uma alternativa, é uma necessidade em resposta às limitações socioeconômicas latentes.

O que se pretende é fomentar novas tecnologias materiais, gerar autonomia em todos os contextos socioeconômicos e principalmente naqueles em que há falta de acesso à informação e meios de produção, evidenciando que as matérias-primas existem e não podem mais depender da extração dos recursos naturais do planeta.

A prática da Arquitetura percorre um caminho que passa necessariamente pela demolição: o próprio ato de construir pressupõe um modelo baseado na desconstituição de um lugar associado a exploração intensiva de recursos naturais com processos predatórios de extração. Por outro lado, a subutilização dos materiais e das construções – na maior parte das vezes, o tempo de utilização dos edifícios e seus materiais é consideravelmente inferior ao seu tempo útil de fato – reflete-se em uma destinação pouco ou nada responsável ecologicamente: é como se os resíduos acumulados aos milhões de toneladas todos os dias fossem simplesmente desaparecer em algum momento. Esse sistema produtivo linear, falho e danoso, representa uma ameaça à sobrevivência no planeta; portanto, nos parece imprescindível assimilar a demolição como uma atividade relevante para mobilização de novas ideias e proposições atentas ao tempo que vivemos e às demandas mais latentes dos nossos ecossistemas.

No contexto de uma conscientização crítica, uma ideia muito interessante e viável é o reconhecimento de que as cidades compõem verdadeiras “minas urbanas”, que oferecem todos os recursos materiais necessários à sua própria e constante renovação, superando o modelo linear e de extração de recursos naturais. Baseada no modelo da circularidade dos sistemas produtivos, consideram que os “recursos” estão à disposição nos ambientes da cidade e, portanto, os resíduos de demolição detêm um potencial sem precedentes, como alternativas para processos produtivos mais circulares, criativos e instigantes, com responsabilidade social e em consonância com a sustentabilidade do planeta.

E essa inversão da ordem projetual, em uma prática da Arquitetura que incorpore o reaproveitamento de materiais e a busca alternativas viáveis e elementos construtivos a partir do recurso natural das cidades – o entulho, o descarte – é necessário quando se depara com uma realidade latente da maioria dos países da América do Sul. Explorar soluções de design construídas

a partir de condições de escassez iluminam um caminho para reorientar reflexões sobre sustentabilidade na construção civil e, incorporam a prática social de construir coletivamente, como o mutirão, comum na tradição latino-americana e nos movimentos sociais por moradias em nosso continente.

Quanto as experiências práticas desenvolvidas pela disciplina “(Des)construir e Ocupar: O reuso como prática social e propositiva”, durante o primeiro semestre de 2022, foram produzidos elementos como painéis de argamassa armada preenchida com garrafas de vidro recicladas; blocos e placas processados com entulho; parede estrutural com retalhos de madeira; fundação com pneus e preenchimento de entulho.



Foto1 – O Canteiro Experimental

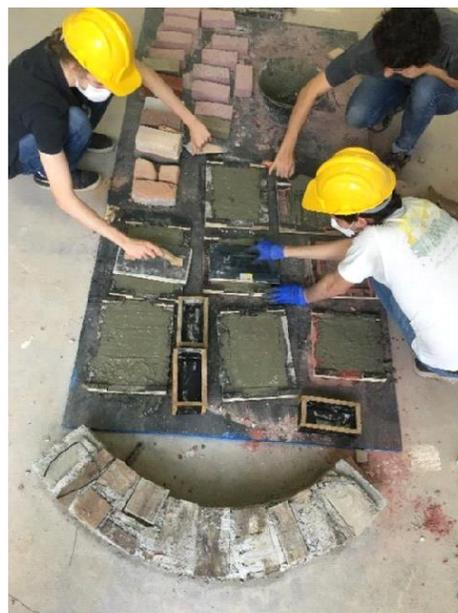


Foto 2 – Produção do placas de piso

Os tijolos e placas foram ensaiados no Laboratório de Construção Civil do curso de Engenharia da UPM, possibilitando uma integração entre saberes e laboratórios da Universidade. Os ensaios nos forneceram possibilidade de revisões para ampliar, ainda mais, o campo da investigação. O resultado da resistência do bloco com maior concentração de entulho (70%) foi exageradamente superior à resistência do bloco similar convencional - 9,86MPa contra 4Mpa -, indicando que a proporção de entulho utilizada na mistura pode ser ainda maior para chegar em um material com melhor aproveitamento de entulho, atingindo resistência similar ou superior ao do

bloco convencional. Para a próxima etapa é necessário realizar ensaios com novos protótipos nas proporções 90%, 92,5%, 95% e 97,5% de entulho na composição para resultados mais eficazes.

A publicação das cartilhas registra os experimentos conduzidos no canteiro com diversos materiais, e tem por objetivo a difusão da prática experimental e técnicas contra hegemônicas a partir do reuso/reciclagem de materiais na construção civil, especialmente em contextos em que existe a autoconstrução. O objetivo é viabilizar a construção a partir do reaproveitamento de materiais e técnicas alternativas que possam ser assimiladas e continuamente reproduzidas e aprimoradas em outras demandas construtivas nos processos de autoconstrução, nos mutirões e nas ocupações habitacionais nas áreas urbanas de nosso continente.



Foto 3 – O Manual (cartilha)



Foto 4 – Evento na Ocupação 9de julho

Reconhece-se, deste modo, a necessária consolidação de uma prática de formação capaz de catalisar iminentes horizontes, sendo o lugar da Universidade o importante polo de conhecimento aberto a novos saberes populares e eruditos, por meio de participação e construção com outros agentes (HOOKS, 2017).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O prosseguimento deste trabalho, traz novos desafios: a parceria e contato direto com moradores, as experimentações cruzadas entre saberes e desejos coletivos e a experiência prática da Assessoria Técnica. Caminha-se na tentativa de construir outros debates, percorridos por outros desenhos, que coloquem em pauta o projeto necessário, pela invenção criativa, generosa e coletiva

de novos territórios feitos, também, por práticas instauradas em outras instâncias e pela potência e clara intencionalidade de ação emancipatória que todo projeto deve ter.

Tais experimentações, se alinham para a contribuição da reflexão, debate crítico e formulação de pensamentos que se comuniquem com a ação efetiva para discutir o direito à vida e à cidade como espaço de experiência a ser vivida amplamente por todos, e busca a ampliação do debate da prática arquitetônica. Considerando que os experimentos realizados durante o Tópico Especial I abrangeu materiais e técnicas relativos a sistemas estruturais, de vedação, aberturas e acabamentos, é importante compreender para a próxima etapa referente ao projeto de um espaço multifuncional na Ocupação 9 de Julho, alternativa de sistemas e materiais relativos a soluções de cobertura para a construção.

Deve-se também incorporar a ampliação de novos experimentos de componentes aplicáveis em infraestruturas urbanas ou em projetos de urbanização como pisos drenantes e mobiliário urbano; e do ponto de vista da gestão.

O compartilhamento dessas experiências com outros países e outras realidades em um ambiente cooperativo como propiciado pelo OUI por meio da premiação MEIN constitui uma oportunidade única de ampliar as discussões, as reflexões e as práticas para superação dos desequilíbrios socioambientais que caracterizam aos ambientes urbanos das cidades do Sul Global.

4. AGRADECIMIENTOS

Agradecemos a colaboração da Professora Dra. Sasquia H. Obata pela participação durante as atividades promovidas pelo curso e as Professoras convidadas Victoria Reis Sousa e Braga e Julia Ferreira Peres pela propositura dos exercícios, fruto do trabalho que desenvolvem em sua prática projetual de Arquitetura.

5. REFERENCIAS

BOMFIM, V. C. (2004). *O Centro Histórico de São Paulo: a vacância imobiliária, as ocupações e os processos de reabilitação urbana*. São Paulo: Caderno MetrÓpole, pp 22-48.

CAFFE, C. (2017). *Era Hotel Cambridge arquitetura, cinema e educação*. São Paulo: SESC São Paulo.

- CAU – Conselho de Arquitetura e Urbanismo (2022). *Pesquisa Datafolha: 82% das moradias do país são feitas sem arquitetos ou engenheiros*. São Paulo. Disponível em: <https://bityli.com/wmiYLIV>.
- DEVECCHI, A. M. (2014). *Reformar não é construir: a reabilitação de edifícios verticais - novas formas de morar em São Paulo no século XXI* - São Paulo: Senac São Paulo.
- FERRO, S. (2005). *O canteiro e o desenho*. São Paulo: VW.
- HEBEL, D., WISNIEWSKA, M., HEISEL, F. (2014) *Building from waste*. Zurique, Birkhäuser, 2014. Disponível em: <https://bityli.com/IizpiVt>.
- HOOKS, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- HUTTON, J. (2017). *Material Culture. Assembling and Disassembling Landscapes*. Berlim, JOVIS Publishers.
- MARTINS, C. A. F. (2003). *Prefácio* in KOURY, A. P. (2003). *Grupo Arquitetura Nova: Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro*. São Paulo: Romano Guerra e EDUSP.
- ROSA, M. L.; WEILAND, U. (Org.) (2017). *Codesenhando cidades. Arquitetura e inteligência informal*. 1. ed. São Paulo: Meli-melo, v. 1.
- ROSA, M. L. (2014) *Handmade Urbanism: from community initiatives to participatory models*. 2aed; Editora Ute E. Weiland.
- SILVA, C. (2019). *A Terra Prometida*. São Paulo: N1.